

## Noticias militares estrangeiras

### MEXICO :

Do ultimo numero da excellente «Revue de Cavallerie» extrahimos algumas notas sobre a cavallaria mexicana em 1904.

A cavallaria mexicana compõe-se de 14 regimentos de linha a 4 esquadrões, tendo cada um o effectivo de 150 cavallos, 8 quadros de regimento (oito esquadrões) e 3 esquadrões de guarda-fronteiras.

Em pé de guerra, disporá de 22 regimentos a 3 esquadrões, aos quaes é necessario accrescentar 12 regimentos de gendarmes a cavallo (os Ruraes) geralmente a 3 esquadrões.

A cavallaria é excellentemente montada em cavallos provenientes de cruzamentos de raças inglezas, hungara e allemã com a antiga raça andaluza.

A criação e ensino do cavallo seguem as tradições da velha escola hespanhola. O andamento ordinario é o galope o que não impede que possam trotar, quando fôr preciso, o que já não succede com os restantes cavallos das cavallarias sul-americanas.

O arreo é muito simples e parece que adquado ao serviço da arma e tanto que o fallecido general de cavallaria allemã Rosenberg pretendeu adoptá-lo no exercito allemão.

A carabina é do systema Mauser (modelo argentino) e a espada do modelo ultimamente adoptado pelos dragões e husards franceses.

O uniforme consta de calça de panno azul, grande bota de montar, casaco do mesmo panno no inverno e de linho branco na estação calmosa. A cobertura da cabeça é o shako.

Do equipamento a parte mais notavel consiste n'uma bandoleira porta-cartuchos, posta da esquerda para a direita á bôer.

A carabina é transportada pelo cavalleiro, solidamente ligada ao cinturão, de modo a não cair, ainda nos mais vivos andamentos.

Pela maneira porque monta e como dirige o seu cavallo, é o cavalleiro mexicano um adversario digno de consideração.

Os gendarmes (Ruraes) são muito bem instruidos e resistentes a cavallo, constituindo em caso de guerra, cavallaria capaz de prestar tão bons serviços, como tem prestado em tempo de paz, restituindo a tranquillidade ao paiz e correspondendo ao fim que teve em vista a sua criação pelo presidente Porfirio Diaz.

# Revista de Cavallaria

## A catastrophe!

Está de lucto o exercito portuguez. A catastrophe que no sul de Angola, para além do Cunene, immolou ao azar da guerra tantos officiaes e praças de pret, é das que mais profundamente o tem maguado nos ultimos tempos, em que, nas guerras d'Africa, através de exitos brilhantes alguns revezes tem tido, de maior ou menor importancia. Nenhum, porem, se deu em condições tão tristes, como este que a todo o portuguez faz sangrar o coração.

Mas o nosso exercito, se é sensível a tristezas, não conhece desanimos! Tem confiança na sua força e na sua abnegação; e sabe que enquanto houver um soldado vivo, elle saberá vingar a morte dos que assim foram tão ingloriamente sacrificados.

Deante do sacrificio, o exercito portuguez não indaga das causas que determinam os seus desastres; tem e usa apenas o direito de pedir que os seus sacrificios sejam aproveitados por quem tenha nitida a noção de que a guerra hoje não é uma aventura, mas uma sciencia, das mais complexas, na preparação, na conducção e na acção das tropas.

Dado o character tecnico d'esta «Revista», cabia-nos o dever de apreciar os factos que tiveram por triste epilogo o desastre do dia 29 de setembro,

Mas é cedo ainda, para isso; porque as informações são desconstradas e incompletas. A seu tempo nos occuparemos do assumpto com conhecimento de causa, e d'elle tiraremos os corollarios que possam servir de licção.

Hoje, sem desanimos nem sentimentalismos, improprios da oc-



casão e do character das instituições militares, cumpre-nos apenas lamentar que o azar da guerra nos impuzesse uma provação tão dura, e esperar que a saberemos vingar e ressarcir, como nos cumpre.

Em todos os tempos, foi dos reveses da guerra que a organização militar dos povos tirou as melhores lições. Nós mesmos, os portuguezes, da indole, do character, da organização do inimigo com quem tivemos de combater, quer no continente quer no ultramar, deduzimos sempre as normas e os cuidados necessarios para obtermos superioridade nos momentos da lucta. E' o que nos cumpre fazer agora, com serenidade e resignação.

Falla-se n'uma expedição que vá, não só vingar as affrontas soffridas, mas restabelecer a reputação e o prestigio das nossas armas entre o gentio rebelde, cujo ouzão será agora maior. Do exito d'essa expedição depende tambem a affirmação da nossa soberania n'aquellas regiões insubmissas, onde campeia o negro, mas onde esvoaçam outros perigos maiores.

Vae mais uma vez o exercito ser chamado a affirmar a bravura do seu soldado e erguer bem alto os brios do nome portuguez. Tem sido essa a sua missão secular, e ha de continuar a sel-o.

Que essa expedição vá devidamente organizada, e munida de todos os elementos necessarios para bem cumprir o seu dever, são os votos que formulamos, em nome de todo o exercito e de todo o paiz.

E, prestando o tributo da nossa profunda magua pelos camaradas d'armas que o dever assim conduziu a uma morte tão cruel, enviamos ás enlutadas familias d'esses bravos a expressão da nossa dôr, que é a da nação inteira!

CRISTOVAM AYRES.

## Perseguição

E' o epilogo do sangrento drama da guerra; e nas scenas finaes mais vivamente emocionantes dessa obra feita de heroismo, de destruição e morte, cabe á cavallaria o papel primordial.

Vencer é muito; mas não é tudo ainda. Para que a victoria seja completa e os resultados della correspondam ás maximas vantagens, é indispensavel que tenha a coroa-a, como um remate condigno, uma perseguição efficaz, que transforme em derrota a retirada do inimigo.

Esta opinião pôde affirmar-se que é unanime, porque tem a abonal-a, desde remotos tempos, o consenso e a consagração da auctoridade dos maiores escriptores militares.

Demonstram as lições da historia, que raras vezes, por maiores que tenham sido os reveses soffridos e mais sangui-nolenta a lucta, um exercito poderá ser anniquillado no proprio campo da batalha.

Não deve, portanto, o vencedor satisfeito com os resultados obtidos no theatro da lucta, repousar á sombra dos louros colhidos, permittindo que as tropas inimigas batidas, desordenadas e dispersas, vão tranquillamente reunir-se e reformar-se, ao longe, aprestando-se para novas empresas.

Na opinião do archiduque Carlos, muitas batalhas, que deveriam ser decisivas, tiveram para o vencedor simples resultados de pequena importancia, porque a falta de uma cavallaria numerosa e audaz não lhe permittio perseguir o adversario, impedindo-o de reorganisar as suas tropas e restabelecer a ordem nas suas fileiras rotas e desunidas.

E' essa reunião, que é preciso impedir, é a essa reorganização, que a todo o custo cumpre obstar. O vencedor não descançará emquanto não houver transmutado num desastre irreparavel a dispersão das forças inimigas.

Na consecução desse fim — do qual dependem as maiores vantagens da victoria — empenhará os maximos esforços, e não o conseguirá em muitos casos senão á custa de heroicos sacrificios.

Observa um escriptor de grande nomeada, Fauvart-Bastoul, que todos os grandes generaes, Carlos II, Malborough, o principe Eugenio, Frederico, Napoleão, Murat, Blücher, se esforçaram sempre por completar o exito das suas batalhas por uma perseguição encarnçada, e só a ella renunciaram, quando a empresa era de todo impossivel.

E' ainda do mesmo escriptor a seguinte observação: «As maiores batalhas, que se limitaram a um exito local, nunca tiveram resultados decisivos.»

Foram sem duvida os ensinamentos da experiencia e da historia, que levaram Clausewitz a dizer que nenhuma victoria pôde ser verdadeiramente grande sem o remate duma perseguição energica.

Com effeito é a perseguição, que mais profundamente



provoca nas tropas batidas a perturbação e o desalento, desorienta e desmoralisa o inimigo, augmentando progressivamente a desordem até transformar em debandada tumultuaria a retirada das forças perseguidas.

Segundo Bronsart von Schellendorf a importancia da perseguição é theoreticamente incontestavel; a sua execução para ser regulada e condusida com a oportunidade e vigor indispensaveis, exige, porém, rara energia de character e de espirito.

Ao cabo duma batalha o canção e exgotamento do vencedor nivelam-se quasi pelcs do vencido. Quanto mais renhida tiver sido a lucta maior é a sensação de allivio, que o vencedor experimenta ao vêr o inimigo abandonar o campo e bater em retirada. Embora tenham sido menores as perdas do vencedor, a sua depressão nervosa é enorme. E' bem conhecido e tem sido constatado no decurso de muitas batalhas o exgotamento nervoso produzido nos combatentes, só pelo facto de se acharem durante horas expostos ao fogo inimigo. A tensão moral, digamos antes, a sensação do medo, que as tropas experimentam sob a ameaça demorada do perigo, não só deprime os animos, mas produz uma verdadeira fadiga phisica.

Em taes condições é natural o receio de seprehender uma perseguição, que póde ser prematura, com tropas necessariamente desordenadas, phisicamente extenuadas, e moralmente abatidas, a despeito da victoria, pela sensação exhustiva do perigo corrido.

Receia-se comprometter nas aventuras duma perseguição arriscada, de exito duvidoso, as vantagens certas, embora restrictas, da victoria alcançada, que se prefere deixar incompleta, renunciando aos resultados verdadeiramente decisivos.

Do lado do commando existe a tendencia, derivada dum justo sentimento de gratidão, para poupar as tropas, ás quaes acaba de se exigir duros sacrificios, aos esforços violentos duma perseguição, que, para ser efficaz, tem de ser viva, persistente e por vezes impetuosa.

A estas considerações oppõe Schellendorf o seguinte commentario tão conciso, como conceituoso: *Tout cela est de l'humanité, mais c'est aussi de la faiblesse.*

No momento critico, em que deve dar-se ordem para a perseguição, o procedimento daquelle, que tem a responsabilidade desta decisão, não póde obedecer aos impulsos do sentimento; ha de subordinar-se aos dictames da reflexão.

E' preciso ponderar, então, que se o estado das tropas, que venceram, é realmente precario, porque durante a lucta influencias depressivas de natureza diversa abalaram a sua co-

hesão, desordenaram as suas fileiras, quebrantaram a energia e entibiaram a vontade dos soldados, deixando-os mal dispostos, moral e phisicamente, para correrem os riscos de novas e immediatas emprezas, do lado do inimigo a perturbação, a desordem, e sobretudo o abatimento moral aggravado pelo temor de novos perigos e maiores desastres, devem ser muito mais profundos, porque não actua nelle o jubilo estimulante do triumpho, que poderosamente contribue para attenuar a depressão nervosa e os desfallecimentos da vontade.

Além disso ha tambem a considerar, que solipedes, armamentos, viaturas, munições, tudo quanto, numa palavra, o vencedor tiver deixado no campo da batalha, ou vier a deixar nas linhas, por onde fôr effectuando a perseguição, se esta fôr bem dirigida, poderá facilmente rehavel o, ao passo que o vencido soffrerá a perda completa daquillo que sob a ameaça pertinaz da perseguição fôr obrigado a ir abandonando na sua retirada tumultuosa.

A reflexão e o interesse aconselham, portanto, o vencedor a perseguir o adversario decidida e tenazmente, *jusqu'au dernier souffle des hommes et des chevaux*, conforme a energica expressão de Schellendorf, que textualmente copiamos da traducção franceza.

Estão ainda na memoria de todos, por serem recentes, os brilhantes feitos de armas praticados na ultima guerra do sul de Africa. A tenacidade e coragem, com que esses pequenos povos de agricultores e caçadores, que pugnavam pela defeza do seu territorio e da sua nação, souberam resistir aos ataques das tropas inglezas, infligindo lhes formidaveis revezes, principalmente na primeira phase da campanha, provocaram da parte do mundo inteiro um forte movimento de admiração e sympathia. A resistencia admiravelmente pertinaz desse exercito improvisado, constituido na quasi totalidade por homens subitamente arrancados ao pacifico labor do campo e ao exercicio da caça, sem habitos de disciplina, nem regular instrução militar, é um exemplo brilhante do ardente entusiasmo e da indefectivel energia, que póde accender na alma dum povo crente a fé inabalavel no exito duma causa, que se lhe afigura justa e santa, e á qual andam ligados, além de valiosos interesses materiaes, os mais vivos affectos do coração.

Os boers, porém, tão felizes nos primeiros recontros — emquanto as tropas montadas do general French com os seus longos movimentos torneantes não fizeram mudar o aspecto da campanha — não souberam utilizar a boa fortuna da primeira epoca da guerra.

A sua tactica essencialmente defensiva, que lhes permitia,



ao abrigo de excellentes posições, num terreno perfeitamente conhecido e vantajoso, aproveitar as suas excepçõaes aptidões de atiradores, dizimando com uma fusilaria inexoravelmente certa as fileiras inglezas, que avançavam intrepidamente — honra lhes seja feita! — mal esclarecidas, em perigosas marchas de frente, não lhes deu nunca resultados decisivos. Commetteram o gravissimo erro de se contentarem apenas com o primeiro exito da victoria, não fazendo a menor diligencia para completal-a por meio d'uma perseguição insistente e viva.

Vio-se então, numa epoca, fria e pratica, como foi o fim do seculo XIX, um espectáculo singularmente extranho, que faz recordar os velhos tempos medievaes, de exaltado mysticismo, quando pelo fervor religioso do povo ingenuo a boa sorte das armas era attribuida mais á intervenção divina do que ao valor e esforço dos homens.

Quando as tropas britannicas, terrivelmente varejadas pela fusilaria do inimigo, eram obrigadas a retirar, desistindo, após grandes perdas, do ataque infeliz, os boers depunham as armas e entoavam canticos religiosos, agradecendo a Deus o favor da victoria!

Emquanto pelas quebradas dessas montanhas, que foram o theatro de tantos actos de heroismo, se ia perdendo o ecco dos canticos vehementemente levantados pelos boers, as columnas inglezas retiravam tranquillamente, para se recompo-rem e prepararem para novos ataques, sem que fossem inquietadas na sua retirada pela perseguição d'um adversario profundamente religioso e extranhamente complacente.

Em logar da perseguição — a biblia. Foi esse o grande erro.

Quando, mais tarde, soou a hora da desdita e foram obrigados a procurar refugio no territorio portuguez, onde — diga-se de passagem — a solicitude do governo e principalmente o carinho e sympathia do nosso excellente povo, foram um grande lenitivo para a alma amargurada dos infelizes heroes, elles proprios o reconheceram. Mais duma vez a pessoa que escreve estas linhas, na convivencia quotidiana que deveres do cargo a levaram a estabelecer com os refugiados, lhes ouviu, entre os desafigos do coração magoado e saudoso, que chorava pela patria perdida e pela familia ausente, a confissão desse imperdoavel erro.

Deve notar-se que a tactica ingleza tem sido arguida da mesma falta.

N'um artigo publicado anonymamente na *Revue des Deux Mondes* — mas attribuido geralmente a um illustre general, que é tambem notavel escriptor, foi essa arguição claramente for-

mulada. O artigo fez bastante ruido tanto em França como no estrangeiro. não só pelo valor intrinseco, mas ainda porque uma parte delle é baseiada no depoimento duma testemunha presencial dos acontecimentos da guerra desenrolados no territorio do Orange. São desse artigo estas linhas: *La poursuite se bornait à quelques obus lancés sur les convois. Pendant ce temps, l'attaque de front (combat d'avant-garde sur tout le front) avait réglé ses progrès, sur le recul des défenseurs, au lieu de précipiter leur retraite par une offensive décidée.*

.....  
*On a donné comme excuse à ce relâchement (dans la poursuite) l'état de fatigue des hommes et des chevaux ou l'approche de la nuit.*

O general H. Bonnal, que é sem contestação uma das maiores auctoridades do nosso tempo, num estudo de analyse e apreciação do artigo da *Revue des Deux Mondes* faz ás linhas, que ficam transcriptas, o seguinte commentario, para o qual nos permittimos chamar a attenção dos nossos camaradas da arma, porque elle contém a respeito do emprego da cavallaria apeada uma indicação, que convém não esquecer nunca:

*On conçoit à la rigueur, que les troupes anglaises employées au combat de front, longtemps soumises à un feu de mousqueterie efficace, aient été trop déprimées pour se jeter sur l'ennemi au moment de sa retraite; mais les autres troupes détachées aux ailes et dont l'intervention avait été aussi soudaine que tardive, pourquoi ne poursuivraient elles pas l'ennemi?*

*C'est que, ayant laissé leurs chevaux loin en arrière, les troupes d'aile étaient incapables de tout mouvement rapide.*

*Cette constatation suffit à condamner le procédé consistant à faire mettre pied à terre à toute la cavalerie, même lorsque, en raison des circonstances particulières, son action principale réside dans le combat de feux.*

(Continúa).

SERRAS CONCEIÇÃO  
major de cavallaria.





## A cavallaria hespanhola

### Modo provavel de actuar em campanha

Quando se pretende estudar a acção provavel d'uma arma em campanha, temos de recorrer como fontes principaes; ao regulamento de campanha, instrucções ou regulamentos que desenvolvam o que alli succintamente se acha preceituado, e á imprensa militar.

A primeira das fontes apontadas marca, e define não só os papeis que essa arma terá a desempenhar em campanha, como também qual seja a orientação geral no modo de os desempenhar, porque, não só o seu character muitas vezes taxativo, restringe a liberdade d'acção obrigando a processos identicos para conseguir, em igualdade de circumstancias, os mesmos resultados, como também, por serem esses diplomas aquelles que a grande massa dos officiaes, muitas vezes, exclusivamente consulta para augmentar ou antes manter a sua instrucção militar.

A segunda das fontes apontadas fornece a quem attentamente a consulta, as modificações que a pratica d'uns e o estudo d'outros, pretende introduzir nos processos em uso, não sendo difficil, pelo numero de artigos vizando ao mesmo fim, pela autoridade de quem os firma ou pela justeza dos seus argumentos, descriminar a influencia que exercerão no espirito da opinião que levará certamente á transformação dos regulamentos e processos em vigor.

N'este trabalho, quasi exclusivamente nos baseamos na primeira das fontes indicadas, visto que a segunda d'ellas poucos subsidios nos pode fornecer.

Na imprensa militar hespanhola, raros são os artigos firmados por altas individualidades politicas ou militares que vizem questões relacionadas de perto com aquella de que estamos tratando; e os artigos que com ella se relacionam, embora de notavel simplicidade de exposição e evidente clareza de raciocinio, não são sufficientes, pelo seu limitado numero, a levarem a modificações nos processos alli em uzo.

Antes de entrarmos propriamente no assumpto d'este estudo seja-nos permittida uma rapida exposição das condições, em que actualmente se encontra a cavallaria hespanhola.

Para defenirmos quaes as condições da sua vida intellectual soccorrer-nos-hemos da conferencia feita em março do anno passado no *Centro del Ejercito y de la Armada* por um distincto offi-

cial de cavallaria e notavel escriptor militar da qual extrahimos os seguintes trechos:

*«Pero entre nosotros, los jinetes españoles, ¿cuál es la situación?...*

*Ah!, demasiado lo sabeis los presentes para que yo, el último entre vosotros, pretenda mostraros el istado actual de las ideas españolas, tocantes al concepto y desarrollo del Arma de Caballería. En una sola palabra puede condensar-se todo: hay carencia de ideas, tanto en lo que á modalidad nacional, á nuestra peculiar manera de ser y de hacer da guerra habla, como por lo que mira á las opiniones exóticas.*

*Nada importa que existan oficiales al tanto de cuanto se dice e escribe en las demás partes acerca del empleo de la caballería y del carácter que debe ostentar; en nada contradice mi aserto, que un numero de individuos, no muchos, despues de todo, tengan en su estante de libros los reglamentos de campaña y tácticos de la caballería de los Ejércitos reputados por más adelantados; pues descontentos quienes tienen esos textos y no los saludan, por falta de tiempo quizás, ler no es estudiar, como no arguye abundante lectura da posesión de la sabiduría, don que sólo se logra, aparte los seres privilegiados en que es nativo. cuando acompaña á la primera la meditacion, el discernimiento, el examen comparativo, la asimilación, en fin, de lo leido; cuando toma aquella lectura cuerpo en el individuo, cuando encarna en su naturaleza. Y esas meditaciones, comprobaciones y exámenes; esas selecciones y elecciones entre lo prejudicial ó erróneo y lo util, no existen entre nosotros por poco apropiadas las circunstancias, es inegable, puesto que aquellas imágenes de las guerras de que antes he hablado, aquellas maniobras, con sello de racionalidad, apenas existen y apenas se conocen en nuestros habitos militares; pero también, por causa de lo que me permitiré llamar apocamiento del espíritu, falsos hábitos del entendimiento, pereza tradicional de la voluntad, en modo alguno por incultura, como suponen algunos ni tampoco por defecto del intelecto nacional, del qual es parte integrante, y mui principal, el militar, que sin el menor fundamento y con notoria injusticia nos achacan otros.*

E para defenirmos quaes sejam as suas condições materiaes diremos que a cavallaria hespanhola necessita para a sua mobilisação d'um minimo de 16:000 cavallos dos quaes perto de 10:000 para mobilisar as unidades activas. A mobilisação da cavallaria hespanhola será pois feita em grande parte, lançando mão de cavallos de requisición.

A difficuldade de tal processo e a sua defficiencia, é nos apontada por outro notavel escriptor, *Frederico de Madariaga*, nas seguintes palavras — *«En el extranjero se procura que los regimientos activos de caballería tengan al pie de paz una fuerza aproximada á la que exige el pie de guerra, porque difícil, ya que no absoluta-*



*mente impossible, improvisonar en esta arma, dado el breve periodo que al presente se dispone para que una mobilizaci3n resulte eficaz.*

*En Espa3a lo entendemos de otro modo. La fuerza de los esquadrones es poco m3s de mitad de la que deberian tener al pi3 de paz. Poner los regimientos de caballeria al pi3 de guerra, dada la necesidad de recurrir 3 la requisici3n aqui donde los importantissimos trabajos estatisticos que est3 llevando 3 cabo con um celo y una inteligencia nunca alabadas la Junta de Cria Caballar, encuentran obst3culos por todas partes y no han sido comprendidos a3n por muchos seria magna empresa.»*

Feita esta rapida e summaria exposi33o que permite avaliar, at3 certo ponto, as difficuldades que a arma ter3 a vencer quando chamada a desempenhar um papel activo em campanha, passemos ao que propriamente constitue o objecto d'este estudo.

O regulamento de campanha hespanhol datando d'uma epocha relativamente atrazada (1882) acha-se refundido e sobre tudo amplificado na parte respeitante 3 arma de cavallaria no tomo V do respectivo regulamento tactico intitulado — *Manobras e servi3o geral de explora33o e seguran3a* --- que constitue por assim dizer umas instruc33es praticas para o servi3o da arma.

Sob a designa33o geral de *Servicio avanzado* comprehende este regulamento, o conjuncto de disposi33es e precau33es que toma uma tropa, quer em movimento quer em repouso, para garantir a sua seguran3a e indagar o que intenta o inimigo, impedindo por sua vez, que este tome conhecimento do que se executa ou projecta.

D'esta defini33o resalta immediatamente a dupla miss3o de explorar e cobrir para a tropa encarregada do servi3o avan3ado.

Para facilidade e methodo de exposi33o iremos estudar separadamente o emprego da arma de cavallaria em cada uma d'estas miss3es.

### Explora33o

O servi3o de explora33o 3 desempenhado pelas divis3es de cavallaria que com a designa33o de independentes, est3o sob as ordens exclusivas do commandante em chefe, tendo em vista — *«buscar al enemigo 3 fin de apreciar su fuerza, la posici3n que ocupe, sus movimientos y todo lo que pueda interesar el jefe de las tropas para dirigirlas con acierto y asegurar el exito de las operaciones impidiendole 3 la vez que se entere de lo que se ejecuta y projecta.»* — Para conseguir este fim o regulamento citado indica-lhe a necessidade de se p3r em contacto com as columnas inimigas, recha3ando a cavallaria que intente frustar-lhe os desig3nios.

Esta prescrip33o regulamentar, que 3 advogada por todos os escriptores militares hespanhoes, d3 3 sua cavallaria a orienta33o, de rompidas as hostilidades, procurar antes de tudo a cavallaria inimiga, para a derrotar e poder seguidamente sem entraves desempenhar o papel que lhe est3 incumbido.

N3o pretendemos n'este artigo discutir se 3 ou n3o acertado um tal modo de proced3r, visto que elle viza simplesmente a indicar qual o modo porque a cavallaria hespanhola procurar3 desempenhar os servi3os que lhe incumbem em campanha, no entanto seja-nos permittido recordar que taes ideias est3o em pleno desacordo com a opini3o do commandante Picard, um dos officiaes de cavallaria de maior auctoridade no assumpto, que n'um artigo publicado em 1899 no *Journal des Sciences Militaires* se exprimia nos seguintes termos:

«Entendemos que a cavallaria, operando no servi3o de seguran3a ou explora33o, sahe do seu papel e compromette a sua miss3o procurando o combate; actuando assim n'estas circumstancias, toma um dos meios, o ultimo, pelo fim, e procede-se mal permittindo-lh'o

E' urgente portanto o fazer-lh'o comprehender se se quer que o commandante em chefe possa contar com a cavallaria para ter informa33es ou para ser guardado».

Para que a superioridade numerica, que 3 um dos factores primordiais da victoria n'um combate de cavallarias, tenha probabilidades de ficar do seu lado deve a cavallaria de explora33o hespanhola marchar o mais concentrada possivel e isso mesmo lhe preceitua o respectivo regulamento pela seguinte forma: «deven-do estar sempre disposta a combater, n3o deve o seu commandante disseminar as suas for3as sen3o o absolutamente indispensavel, isto para que possam s3r rapidamente concentradas.»

O regulamento hespanhol n3o fixa regras para o servi3o da explora33o, unicamente fornece algumas indica33es que servem de normas geraes para o effectuar. Segundo ellas a divis3o independente fracionar-se-h3 em tres escal3es constituidos: pelo grosso da divis3o, esquadro3es de contacto, patrulhas de descoberta e reconhecimentos de official.

Analysemos agora em separado cada um d'estes escal3es.

### Patrulhas de descoberta

A composi33o das patrulhas d'explora33o, 3 de um official ou sargento acompanhado no maximo por uma sec33o (25 cavallos).

Estas patrulhas n3o constituindo uma r3de de seguran3a aos esquadro3es de contacto, que as lan3am, de cujo commandante



dependem, e do qual recebem as instrucções necessarias para o seu serviço, dirigem-se directamente aos pontos, na frente ou flancos inimigos, que mais importa reconhecer.

Para conseguir o seu objectivo, deverão aproximar-se das columnas inimigas para obterem noticias positivas, arriscando-se sem receio de se exporem a serem cortadas dos escalões á rectaguarda.

Quando encontrem alguma patrulha inimiga deverão evitar o combate, mas não o pondo de parte quando possam aprisionar a patrulha inimiga ou parte d'ella. Se porém não teem probabilidade de obter vantagem, deverão retirar para voltarem novamente a observar logo que deixem de ser perseguidas.

O modo de actuar das patrulhas d'exploração será pois caracterisado pela audacia, persistencia na exploração e bastante espirito offensivo.

Quando um serviço prolongado (mais de 3 a 4 dias) obrigue a substituir as patrulhas de exploração estas serão rendidas por novas patrulhas que tendo-se constituido á sua rectaguarda se dirigem directamente ao encontro d'aquella que vão render. As patrulhas rendidas vão concentrando-se á rectaguarda da linha de exploração e só depois de completamente reconstituída é que a unidade que as forneceu, reúne ao respectivo esquadrão.

### Reconhecimentos de official

Os reconhecimentos de official, que muitas vezes substituem as patrulhas de exploração ou que são empregados simultaneamente com ellas, compõem-se de um official acompanhado geralmente por 3 a 4 cavalleiros; o seu fim é obter noticias especiaes do inimigo, o que lhes é facilitado por o seu fraco effectivo lhes permittir mais facilmente, approximarem-se das columnas adversas sem serem vistos, podendo mesmo contornando-as averiguar o que se passa á rectaguarda.

O pessoal destinado a estes reconhecimentos é escolhido entre o mais bem montado, devendo os officiaes que os dirigem ter pratica da leitura de cartas. Dependendo directamente do commandante da cavallaria independente, é esta auctoridade quem escolhe o pessoal que os ha de compôr e lhes dá instrucções relativas ao serviço que vão desempenhar; no entanto estes reconhecimentos devem communicar aos esquadrões de contacto, na parte que directamente os interessa, as noticias que obtenham sobre o inimigo.

A transmissão das noticias obtidas pelos reconhecimentos de official é feita por intermedio das patrulhas de exploração, á frente das quaes geralmente operam, e esquadrões de contacto.

### Esquadrões de contacto

O fim d'este escalão da exploração é fornecer e servir d'apoio ás patrulhas de descoberta.

O numero de esquadrões de contacto a empregar na exploração dependê do terreno e frente a explorar; é o commandante da divisão de cavallaria, quem fixa este numero e lhes limita a zona a explorar.

A frente a explorar por cada esquadrão é geralmente fixada em 10 kilometros, o que absorverá uma ou duas secções em serviço de patrulhas.

A distancia a que as patrulhas marcharão dos respectivos esquadrões deve sêr tal que permitta a estes o appoial-as effizamente para que possam vencer os obstaculos parciaes que as impeçam de attingir o seu fim: esta distancia será geralmente 10 kilometros.

A distancia a que os esquadrões de contacto deverão marchar do grosso da divisão será geralmente um dia de marcha.

A frente de exploração d'uma divisão independente será geralmente coberta com dois ou trez esquadrões de contacto afim de não enfraquecer o grosso.

### Grosso da divisão

Tendo por objectivo o bater a cavallaria adversa, o grosso da divisão marchará o mais concentrado possivel, geralmente n'uma só columna. Só quando a estrutura do terreno não permitta o desenvolvimento e acção de toda a força reunida se formarão dois nucleos que deverão operar á menor distancia possivel.

Quando o terreno seja muito difficil ou coberto, á cavallaria independente será aggregada uma força d'infantaria que terá por missão escoltar o trem da cavallaria, e occupar na sua rectaguarda os pontos que sejam importantes para proteger a retirada.

### Serviço de segurança

O serviço de segurança, compete mais especialmente aos regimentos de cavallaria divisionarios, que, para desempenho d'esta missão, fracionarão a sua força pela forma que mais convenha ao serviço; geralmente destinarão um esquadrão para o serviço immediato da columna, constituindo á frente d'esta com os trez restantes uma rêde de segurança.

Para constituir a rêde de segurança, cada esquadrão nomeará o numero de secções que lhe fôr indicado, as quaes se fracionarão em patrulhas commandadas por sargentos ou cabos; o official



com algumas ordenanças marchará na ractaguarda da patrulha de direcção ou da que julgue mais importante, exercendo d'ahi a sua acção directora.

Cada secção deverá cobrir uma frente de 2 kilometros e portanto as 6 secções uma frente superior a 12 kilometros.

A restante força de cavallaria divisionaria marchará reunida, prompta a apoiar as patrulhas, 2 a 3 kilometros á rectaguarda d'estas.

A cavallaria de segurança dependerá do commandante da columna ou do commandante da guarda avançada; em qualquer dos casos porém, ao commandante d'esta cavallaria dever-se-ha dar toda a liberdade d'acção para o desempenho da sua missão, a qual quando na frente haja cavallaria de exploração se limita a manter a ligação com esta, reconhecer o terreno na frente e flancos e repellar as patrulhas ou forças inimigas mais importantes que se apresentem; porém, quando na frente não haja cavallaria de exploração, ou quando a necessidade de serviço tenha desviado esta n'outra direcção, a cavallaria de segurança desempenha cumulativamente o serviço de exploração, não tendo liberdade porém no seu desempenho, para se affastar da frente das forças que cobre, devendo sempre manter a ligação com a columna de que depende.

Taes são, rapidamente expostas, as normas que a cavallaria hespanhola hoje adopta para os serviços de exploração e segurança; apresentando-os n'esta revista unicamente temos por fim chamar a attenção aos nossos camaradas da arma para um assumpto que consideramos interessante.

*Julio de Moraes Sarmiento.*  
Tenente de cavallaria

## Campeonato do cavallo de guerra

Na intenção de tornar conhecidos os processos empregados na preparação e trenagem dos cavallos, que os nossos camaradas levaram as provas do primeiro campeonato realizado entre nós, dirigimos, a cada um dos concorrentes, em nome da direcção da «Revista de Cavallaria», a sollicitação de quaesquer indicações sobre o assumpto, para que, sendo publicadas, viessem esclarecer e fornecer elementos de estudo para futuras provas.

De dois dos concorrentes os nossos bons camaradas e amigos, que muito presamos, os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Luiz da Costa Cam-

pos, tenente de cavallaria n.º 3 e Antonio de Passos Callado, alferes de cavallaria n.º 2, recebemos as cartas que abaixo seguem e que desde já agradecemos, esperando que os afazeres officiaes ou ausencias da guarnição, em epoca de villigatura prestes a terminar, permitam continuar a serie de respostas, que irão, como as presentes, sendo publicadas á medida e pela ordem porque as formos obtendo.

Mais uma vez agradecido pessoalmente e em nome da direcção da Revista.— *A. de Sá.*

*Meu caro Amigo*

Em nome da direcção da «Revista de Cavallaria» pede-me V. quaesquer indicações, a mim o mais humilde dos concorrentes, sobre a preparação e trenagem do meu cavallo para o «campeonato do cavallo de guerra». Nunca escrevi para o publico, mas a indole da revista e ainda o pedido do meu ... amigo, obriga-me gostosamente a dar as indicações que me pede e tambem a fazer algumas considerações sobre o «campeonato», que, V. julgarão, se alguma cousa teem de util e aproveitavel.

O meu cavallo não teve preparação especial para o «campeonato» e isto por dois motivos principaes, o insuportavel calor que, no Alemtejo onde estou, se faz sentir exactamente no tempo em que os trenos deveriam ser mais frequentes e ainda a convicção que tinha e tenho, do meu cavallo transpôr com facilidade a distancia de 60 kilometros, com uma média final de 12 kilometros á hora. Galopes de 40' em que vencia sem esforço 14 kilometros; ultimamente no exercicio de quadros a ida de Extremoz a Portalegre e no dia seguinte de Portalegre e Extremoz (110 kilometros ida e volta), regressando ao quartel bem disposto, era quanto me bastava, quanto ao fundo e velocidade. Preparação para os saltos pouca teve e essa mesma só em altura e á vara, no emtanto os obstaculos no «campeonato» eram, já em altura, já em largura, pequenos, de fórma que pouco cuidado mereciam para a preparação d'um cavallo rasoavel, ou mesmo bom saltador, como peninsular que é (provincia da Andaluzia).

D'accordo com o snr. veterinario a alimentação diaria do cavallo, compunha-se de 3<sup>k</sup>,500 d'aveia, 3<sup>k</sup> de fava, palha á discripção mas ás horas, ração dividida em 4 partes (manhã, meio-dia, tarde, noite); agua duas vezes pelo menos.

Vou dizer agora a V. como executei as provas. Por muitos motivos, nenhum d'elles com certeza desairoso para mim, abstenho-me de fallar na primeira prova. Mais adiante direi o que penso sobre o que deverá de futuro ser esta prova.



«Emquanto o cavallo quizer andar deixe-o andar, acho preferível um alto maior em que se possa fazer um trato mais completo, a pequenos altos mais frequentes», pouco mais ou menos estas palavras d'um homem a quem nós todos, officiaes de cavallaria, admiramos pela sua indiscutível autoridade no assumpto, o capitão de cavallaria Moreira Pinto, fôram as que decidiram a maneira de eu *levar* o meu cavallo na segunda prova, despresando o *graphico* que fizera para a marcha. O calor abrasador no dia d'esta prova que a madrugada já fazia prevêr, concorreu tambem para que eu desejasse andar o mais possivel (mas sem exigir mais do que devia) nas primeiras horas. Assim de Torres Novas a Thomar, 26 kilometros, nas partes planas da estrada deixei o cavallo trotar largo, nas subidas e descidas o trote excessivamente curto para lhe não chamar *chouto*. Gastei n'este percurso 1<sup>h</sup>40', só parando antes de Thomar nos postos de revisão, sem me apear, só para visar a guia. Com certeza V. se admirarão do emprego do trote n'uma marcha de resistencia, contrariamente a todas as conclusões dos raids que desde o de Bruxellas—Ostende se tem feito no estrangeiro e ainda tambem ás conclusões das autopsias feitas aos grandes trotadores americanos, que raro, senão nunca, podem competir com os cavallos de *galope*, depois d'umas 10 ou 12 leguas de marcha; mas se assim procedi, foi devido ao pequeno percurso a fazer (11 leguas) e por o cavallo, estando fresco, não ter necessidade de galopar para descansar.

Em Thomar dei um descanso de 25' e tratei o cavallo, dando-lhe agua com assucar e um punhado de ração.

De Thomar a Torres Novas—Entroncamento o cavallo entrando francamente no galope, *galope horizontal*, ou paralelo ao terreno, indicava-me quanto este andamento é menos fatigante e assim foram o chouto e galope horizontal, os andamentos empregados até Torres Novas, com um pequenissimo alto no «posto de revisão» na Quinta dos Vargos, ao portão da qual a sua illustre proprietaria com varias senhoras, faziam as honras da casa, d'uma maneira fidalga e muito penhorante para nós.

De Torres Novas ao Entroncamento tive de demorar a marcha para não ficar desclassificado o que aconteceria chegando em menos de 4<sup>h</sup> 39' 30".

Claro que o chouto foi empregado nos lanços da estrada mais accidentados e o galope nos lanços sensivelmente planos. Para nos guiar tinhamos uns esplendidos, pelo seu rigôr, perfis da estrada, traçados segundo ouvi dizer, pelo 2.º commandante da Escola Pratica, inexcusaveis como todos os trabalhos de S. Ex.<sup>a</sup>.

Na 3.<sup>a</sup> prova. Salto d'obstaculos, foram todos transpostos sem lhes tocar.

Ha um ponto que desejo frisar e que nos diferentes jornaes que se referiam ao campeonato e em especial a mim e ao cavallo, com penhorantes palavras, não vem bem esclarecido e é o seguinte: Depois da ultima prova do campeonato, vendo o bom estado do meu cavallo, inscrevi-me para a corrida d'officiaes, independente do campeonato e ali bateu todos os cavallos frescos que só para ella expressamente fôram, exceptuando o cavallo do Ex.<sup>mo</sup> General Ramos, esplendido pur sang, esplendidamente montado pelo meu particular amigo, o alferes Ramos. Ainda assim acompanhou-o, a par, em quasi todo o percurso (1600 metros e 8 obstaculos), distanciando-se bastante os outros cinco corredores.

D'alguns jornaes depreheende se que o cavallo do Ex.<sup>mo</sup> General Ramos concorreu ao campeonato, montado pelo alferes Ramos; não foi n'este, mas sim n'um difficilimo cavallo (a esse tempo) que conheci no 4 de cavallaria, que este official tomou parte no campeonato, causando-n'os admiração a perfeição do ensino a que chegou, apesar de conhecermos os excepçionaes dotes de cavalleiro do seu mestre.

Permittam-me V. que na «Revista de Cavallaria», que é um campo aberto para tudo quanto interessa a arma, eu exponha algumas ideias, não digo minhas, mas que perfilho, sobre o «campeonato do cavallo de guerra». A tão boa vontade que o governo tem mostrado em animar e promover, já com a exposição hippica, já com as corridas de cavallos e ultimamente com o campeonato, o gosto por todos estes utilissimos sports na paz e tão proveitosos na guerra, como principal elemento para as multiplas e delicadas missões do official de cavallaria, anima-me a expôr o que me parece util.

Analysando as provas do campeonato, taes como ellas hoje são, vê-se: Na 1.<sup>a</sup> quão difficil é a um jury, mesmo competente, conceder profundo do assumpto, independente e justo, classificar trabalhos em cavallos diferentes. Assim por exemplo quem conheceu o cavallo *Charuto* da Escola de Cavallaria, avalia bem o grande trabalho e muito saber que representou a sua apresentação em alta escola, havendo cavallos que pela sua conformação e energia são facilmente apontados para com muito menos trabalho e saber, chegar aos mesmos resultados. Na baixa escola dá se o mesmo facto.

Quem póde afirmar, mesmo quando o ensino seja perfeito, se esse trabalho é devido ao official que o monta? Não havendo praso para o cavallo ser montada ou praça do official e assim muito bem se poderia comprar um cavallo nas vespervas



da prova optimamente ensinado, mas para o que não tinha em nada influido o cavalleiro que o apresenta. Em havendo grandes prazos o mesmo pôde acontecer. Não se diga que tem um grande merecimento o apresentar cavallo ensinado por outrem e para isso vou tambem fazer outra referencia á Escola de Cavallaria, no tempo em que era seu commandante, esse brilhantissimo official que todos nós admirâmos, o General Damasceno Rosado, que nos exigia trabalho, eu era então aspirante, e estudo, em todos os variadissimos serviços da nossa arma, não podendo portanto deixar de ligar particular interesse á equitação; ainda assim conhecedôr profundo d'este assumpto, bem sabia não podermos nós em 10 meses sair uns equitadores, da Escola; pois nós montavamos o cavallo *Marreco* e sob a direcção do seu mestre o capitão Chaves, esse esplendido professor, executavamos varios movimentos d'alta escola. E como nós, quantas gerações d'aspirantes!

Não se comprehende a vantagem, n'um «campeonato do cavallo de guerra», que não pôde ser um «concurso hippico», exigir-se trabalhos em duas pistas, passagens de mão ao galope á vóz, etc.

Cavallo robusto, franco, um bom cavallo de exterior-approvado. — Cavallo fraco, excessivamente nervoso, hesitante — reprovado.

Uma prova eliminatoria sem valores, que difficilimo senão impossivel é arbitrar-lh'os.

Na 2.<sup>a</sup> prova. Maior percurso, 20 leguas aproximadamente, não haver limite minimo de tempo para o fazer e um maximo rasoavel, 11 a 12 kilometros á hora. No raid de Bruxellas— Ostende o cavallo *Courageux* montado pelo Tenente Madamet fez o percurso (132 kilometros) em 6<sup>h</sup> e 54' o que dá uma media á hora de mais de 18 kilometros e foi este official quem além do premio do raid, teve o premio por conduzir melhor o seu cavallo, que chegou relativamente bem.

Exame do cavallo depois da prova.

3.<sup>a</sup> prova. Saltos maiores: 1<sup>m</sup>,30 altura, 3<sup>m</sup> largura. Saltos graduados de fórmula a vêr-se bem o que os cavallos saltaram. 500<sup>m</sup> ao galope. Exame do cavallo no campo, depois d'esta ultima prova.

Ainda umas considerações, que indirectamente influem no campeonato. A epoca d'elle se realisar e o local. Nos bellos dias, que poucos como nós teem, da primavera ou outomno, tornar-se-hiam as provas muito menos incommodas sem perderem na sua importancia. Todo o local escolhido para ponto de partida e de chegada que não seja Lisboa, tem grandes inconvenientes para o bem estar dos cavallos e dos cavalleiros

tambem. O esplendido picadeiro de Lanceiros d'El-Rei o nosso lindissimo hypodromo em Belem, as commodidades de Lisboa para os officiaes, as boas cavallariças no 4 de cavallaria e em Lanceiros d'El-Rei para os cavallos, agua abundante para lavagem dos animaes, para douches que tão bem lhes faz, tudo proximo; as estradas de Cintra, de Cascaes, de Mafra, podendo variar-se itinerarios de marcha facilmente, os contrôles por esses bellos e pittorescos pontos, os automoveis, as mail-coach, os cavalleiros percorrendo as estradas, davam com certeza tambem ao «campeonato do cavallo de guerra» um cunho de bom gosto, que eu não posso vêr alheado de tudo quanto se relacione com o exercito, a que me orgulho de pertencer.

Façam V. d'esta carta o uso que quizerem, se ella alguma attenção vos merecer.

Com a maior consideração e estima

De V.

C/V.

Extremoz

13 de set.<sup>o</sup> 904.

amigo obrigado

*Luiç da Costa Campos.*

Cintra, 21-9-904.

*Meu caro capitão e bom amigo*

O seu amavel convite veio pôr-me em serios embaraços porque sou pouco dado á escripta, por isso lhe peço que tire do que lhe vou dizer, o que não prestar e ao resto que é bem pouco ou nada, dê o destino que lhe parecer.

O cavallo em que fiz as provas em Torres Novas, tem os seguintes assentos de matricula: castanho maduro, 6,5 annos de idade, 1<sup>m</sup>,520 de altura, castrado, ferro x na perna direita, hespanhol e foi comprado no mercado da Gollegã por 205\$000 réis em 10 de novembro de 1903.

Com a curiosidade que tenho de andar sempre a experimentar cavallos, principalmente os do esquadrão a que pertenco, montei-o logo que chegou ao regimento e vi que consentia o cavalleiro e andava por direito e, passados poucos dias, pareceu-me resistente, porque depois de qualquer exercicio, que se lhe exigia, ficava com a respiração perfeitamente normal e sem transpirar.

Publicada a ordem do exercito n.<sup>o</sup> 2 (1.<sup>a</sup> serie) de 20 de fevereiro do corrente anno, que estabelece o campeonato militar, fiz a proposta para o passar a minha montada eventual para o poder levar ás provas, se me pertencesse representar o regi-



mento n'este certamen. Approvado em 8 de março para minha montada, comecei a trabalhá-lo no picadeiro ao mesmo tempo que lhe dava alguns passeios e, em pouco tempo, como elle é muito docil e manso, fazia n'elle todo o serviço.

Desde 8 de junho, em que para aqui destaquei, é que propriamente o comecei a preparar para o campeonato, apesar de n'esta ocasião ter já sido muito aconselhado por officiaes, a quem muito considero e respeito que desistisse de ir n'elle ao campeonato, porque era uma *puleca* (desculpe-me o termo, mas é como melhor sei exprimir a ideia) e eu ia fazer n'elle uma triste figura ao lado dos outros officiaes, que decerto deviam montar dos melhores das unidades a que pertenciam. Eu, francamente o confesso, estava quasi resolvido, com bastante pesar, a desistir, mas no fim de junho ou principios de julho veio aqui o muito distincto medico veterinario Ex.<sup>mo</sup> Sr. Joaquim das Neves Simões, que fez o favor de me dar a sua opinião sobre elle, dizendo-me que era bem construido, que tinha bom peito e uma conformação geral que mostrava poder dar alguma coisa nas provas; aconselhou-me a que nos ultimos tres periodos de 10 dias lhe desse respectivamente 6, 7 e 8 kilos de ração, composta em partes eguaes de fava, milho e aveia e que o preparasse dando-lhe successivamente maiores exercicios, sem contudo ir alem do que elle podesse dar sem grande esforço.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Simões e ao official, muito meu particular amigo, que a elle me apresentou e que era um dos que aconselhava a que desistisse, consigno aqui os meus sinceros agradecimentos, porque só a elles devo o bom resultado que obtive.

Seguindo á risca as indicações recebidas, comecei a dar-lhe passeios em dias alternados, que a pouco e pouco fui alongando e nos outros dias trabalhava-o em picadeiro no Campo de Seteais. Principiaram os passeios por 10 a 12 kilometros, depois 20 a 30 e por fim 40 a 50. Em todos os percursos nunca empreguei o passo, empregava o trote nas subidas e descidas asperas e o galope em caminho direito e pequenas inclinações.

Qualquer dos andamentos era quasi natural do cavallo, isto é, nem era preciso obrigar-o a avançar nem a demorar; no fim de cada 55' parava 35', apeando-me immediatamente.

Quando fiz a marcha do campeonato procedi exactamente do mesmo modo, apesar de, ao inicial-a, ver passar para deante de mim o companheiro que tinha sahido comigo, como os que saíram 5, 10 e 15' depois.

Durante todos os percursos, tanto nos preparatorios como no final dei agua em todas as fontes, e no ultimo dei-lhe um banho (com um balde) a pouco mais ou menos meio caminho. Só uma vez andei a pé, foi no dia da prova; como o alto dos 5' era no

principio d'uma subida, experimentei andal-os a pé, mas não gostei e não repeti. Depois de terminada a prova de resistencia ainda percorri a trote os 8 ou 9 kilometros do Entroncamento a Torres Novas.

A maior difficuldade que encontrei no cavallo foi fazel-o saltar, não porque não pudesse, mas porque não dava importancia aos obstaculos; aqui em Cintra, porem, perdeu essa difficuldade por completo porque comecei a fazel-o saltar muros e como a principio lhe batia, depressa se convenceu de que mais lhe valia saltar os muros do que ficarem-lhe as canellas a doer.

Aqui tem o meu caro capitão o que lhe sei contar e tenho pena de lh'o não saber dizer em menos palavras para o não massar tanto.

Disponha sempre do

Seu cam.<sup>da</sup> muito am.<sup>o</sup> e muito obrig.<sup>o</sup>

Antonio de Passos Callado.

## A Mounted Infantry

Ingleza de origem, conservemos-lhe o nome. Tem por caracteristico principal utilizar o cavallo apenas como meio de transporte. Como campo de operações tem tido os territorios da Africa do Sul. Os officiaes inglezes encarecem as suas qualidades e lisongeiavam-se do seu emprego. Eu vi-a representada em Delhi, por ocasião da Durbar Coronation. Depois da passagem d'aquella brilhante cavallaria que me deslumbrou pelo seu aspecto, e antes do desfilar d'uma infantaria tão correcta como ainda não vi nenhuma, deslisava em linha caprichosamente ondulante, contrastando com a precisão mathematica dos alinhamentos das *outras* armas, uma porção da «Mounted Infantry».

Cavalllos de Katiawar, 1,<sup>m</sup>30 d'altura, conduziam a dorso soldados inglezes, que vestiam o uniforme de kaki e traziam em bandoleira a comprida Lee-Enfield. O cuidado de resguardar os pés dos accidentes do terreno; a difficuldade de conduzir o garano, por vezes impetuoso e mau; e o oscilar constante de uma incommoda espingarda, eram outras tantas origens de distracção para esses soldados, que não podiam cumprir uns preceitos regulamentares tão observados no Exercito Inglez, e que lhe dão uma apparencia tão correcta e distincta como não é facil encontrar n'outros exercitos europeus.

Foi má a impressão recebida; e, n'um artigo da «Revista



Militar» eu comparei essa força a um grupo de guardas campestres.

Não regatearei nunca á «Mounted Infantry» os elogios pelos serviços prestados na Africa do Sul, como não os pouparei a todas as forças inglezas que na sua coragem serena souberam morrer pagando assim com a vida os erros da sua ignorancia; o que contestarei sempre é que ella constitua uma *quinta arma* e que os acontecimentos aconselhem o seu desenvolvimento.

O atrazo do Exercito Inglez era de 30 annos, como se deprehende do livro de Callwell, livro, que, traduzido pelo nosso illustrado camarada d'infanteria o snr. tenente David Rodrigues, corre mundo sob a epigraphe — *A tactica de hoje.* —

A campanha do Transvaal mostra-nos que da parte dos Inglezes se desconhecia por completo o emprego da cavallaria, opinião que vemos confirmada pela seguinte phrase do general Langlois — *Le service de sûreté n'existe pas, non plus que la notion de l'avantgarde.* —

A cavallaria, a arma das surpresas e das intervenções rapidas, deixa-se por vezes surprender.

«A small party of Kitchner's Horse was surprised by this body (um corpo boer que *estaria* ao Sul) and thirty men with four officers were taken prisoners» — Diz isto Conan Doyle, no seu livro — *The great boer war* — Trinta homens com quatro officiaes aprisionados por um corpo boer que *estaria* ao Sul!

E *provavelmente* o mesmo que capturára o comboio em Waterval — *probably* the same well-handled and interprising body wichs had captured our convoy at Waterval! —

Desconhecida a forma de melhor empregar a cavallaria no seu serviço a cavallo, certo era não se comprehender toda a vantagem a tirar do combate a pé. D'ahi o emprego da «Mounted Infantry» justificada pela necessidade de transportar rapidamente a um dado ponto uma força que despeje uma grande massa de fôgos sobre um objectivo indicado, serviço que o caçador a cavallo europeu desempenha com mais rapidez e melhor.

Para as nossas guerras d'Africa achamos prudente não mudar de systema. Officiaes de grande merito e competencia estudaram o assumpto, e nós temos visto que os resultados teem sido brilhantes.

As guerras d'Africa não se podem comparar ás guerras europeas; nem mesmo a do Transvaal que tão grossos effectivos empregou. O general Langlois o diz: — *Il y a bien aupaavant de remarquer, une fois pour toutes, que la guerre du Transvaal, saurait être comparée a la faite en 1870, et tel que nous serions obligés de la conduire devant un adversaire europeen.* A «Mounted Infantry» tem todos os inconvenientes da cavallaria,

sem ter nenhuma das suas vantagens; e perde as melhores qualidades e que maior independencia dão á infanteria — operar em todos os terrenos, e correr ao assalto sem preocupações com o que fica para a retaguarda

A nosso vêr, é um producto hybrido a pôr de parte. Organisar companhias de cyclistas e dar montadas aos capitães de infanteria, parece-nos bem mais util, bem mais urgente.

E se os caçadores montados se tornam necessarios, augmenta-se a cavallaria.

Setembro de 1904.

*Ferreira d'Aguilar.*

Capitão de Lanceiros de El-Rei.



## Noticias militares estrangeiras

FRANÇA:

*Escola de applicação de cavallaria de Saumur.* — Esta escola, que tem por fim aperfeiçoar a instrução militar e equestre dos alferes saídos da escola especial militar (Saint-Cyr), os quaes são considerados como officiaes-alumnos; aprimorar os conhecimentos de equitação dos tenentes de cavallaria, artilharia e engenharia, os quaes, emquanto estão na escola, são denominados tenentes em instrução; educar e instruir os sargentos em condições de ascender ao officialato de cavallaria no exercito activo; serve ainda de escola de veterinarios e ferradores.

Esta escola acaba de ser reorganizada, consistindo as principaes modificações no seguinte: augmentar de quatro os capitães professores sendo um para organização militar, historia e geographia, outro para trabalhos de campo e sciencias applicadas, outro de allemão e um quarto de telegraphia; dar aos tenentes em instrução, alem dos conhecimentos estritamente necessarios a um official de cavallaria, noções tacticas sobre o emprego das outras armas.

No final do curso, não se organizará lista por ordem de merito, mas simplesmente uma lista alphabetica de todos os tenentes em instrução, sendo mencionado em observação, o conceito geral obtido. Aquelles que na lista tiverem a menção de *muito bom*, são propostos para o posto de capitão.

Quanto aos alumnos, para que sejam classificados, preci-



sam obter media de 12 valores em equitação, exercicio militar e ensino geral.

*Ordem notavel — Ordem do commandante da escola de applicação de cavallaria* — em 29 de julho passado, foi publicada a seguinte ordem na escola de Saumur, e para não lhe tirar valor publicamos na integra sem traduzir :

«Depuis sa fondation, l'Ecole inscrit en lettres d'or sur ses murailles les noms de généraux qu'elle a fournis, les noms des officiers, sous-officiers et simples cavaliers (maréchaux ou télégraphistes) qui sont sortis en tête de leurs promotions.

«A ces listes, le colonel a fait ajouter un tableau des commandants d'armée et des maréchaux de France issus de la cavalerie de 1789 à 1870.

«Ce tableau sera placé à côté de celui des généraux de cavalerie tués à l'ennemi, dans le vestibule d'honneur, où, chaque jour, en passant, officiers, sous-officier et cavaliers l'auront sous les yeux.

«Ils y salueront les nomes de Kellermann, le vainqueur de Valmy; de Ney, le Brave des braves; de Davout, dont Napoléon a pu dire qu'il était le premier tacticien de son époque; ceux de huit commandants des armées de la République et de dix-neuf maréchaux de France.

Le raison de cette étonnante proportion de chefs illustres sortis de nos rangs se trouve dans ce fait que la cavalerie est, par excellence :

«L'arme de l'offensive;

«L'arme des initiatives hardies;

«L'arme des décisions rapides, instantanées;

«L'arme des manœuvres étendues, variées; audacieuses; décisives;

«L'arme qui exige du moindre officier la compréhension des situations de guerre.

«En plaçant ces noms à jamais mémorables sous les yeux de tous, le colonel a obéi à une double pensée :

«C'est, d'abord, de rendre un suprême hommage a ces grands cavaliers qui, en illustrant notre arme, ont glorieusement servi la France;

«C'est ensuite de donner à tous en exemple ces grands serviteurs de la patrie, qui, à l'énergie, à l'entrain, à l'audace, qualités propres à notre arme, ont su ajouter les conceptions tactiques et la connaissance des autres armes, sans laquelle il n'y a pas d'officier de cavalerie complet.

«Ils nous ont tracé le devoir.

«Saumur, le 29 juillet 1904.

«Le colonel commandant l'Ecole de cavalerie. — Dubois.»

*Instrução dos officiaes de reserva.* — Como muito digno de ser conhecido, diz a excellente revista hespanhola «*Estudios Militares*» que alguns officiaes francezes, pertencentes á reserva e ao exercito territorial, obedecendo ao desejo de se instruir e preparar para o exercicio das suas funcções em caso de guerra, sem instigação das auctoridades militares, se reuniram para estudar os principaes regulamentos e sua applicação pelo que diz respeito ao exercito territorial, executando ainda na primavera alguns exercicios de quadros, para a execução dos quaes lhes foram fornecidos os elementos necessarios a esses trabalhos.

*Raid nacional militar.* — Da «*Revue de Cavallerie*», extrahimos algumas notas do segundo certamen d'este genero, sendo escolhida a estrada Lyon-Vichy, na extensão de 198 kilometros.

Diz o auctor do artigo que além de não existir regulamento que satisfaça a todas as exigencias de concursos d'esta natureza, se fez notar, pelo pouco tempo concedido á preparação falta de orientação e trenagem

Ao regulamento foram acrescentadas algumas disposições, avultando como principaes: uma corrida em galope de caça n'uma pista de obstaculos, no dia seguinte ao da chegada ao terminus do percurso e a prohibição absoluta de empregar qualquer injeccão ou outro meio excitante e ainda dos concorrentes se fazerem acompanhar ou seguir por alguém com intenção de prestar auxilio, ou tomar informações durante o percurso.

A ultima prova, posto que reduzida a simples proporções, bastou para excluir os mais cotados concorrentes.

O percurso total foi dividido em quatro marchas :

- 1.<sup>a</sup> — 2 de julho — De Lyon a Saint-Etienne — 58<sup>k</sup>,5;
- 2.<sup>a</sup> — 3 de julho — De Saint-Etienne a Montbrisson — 33<sup>k</sup>;
- 3.<sup>a</sup> — 3 de julho — De Montbrisson a Noirétable — 44<sup>k</sup>;
- 4.<sup>a</sup> — 4 de julho — De Noirétable a Vichy — 62<sup>k</sup>,5.

A velocidade nas primeiras tres marchas era obrigatoria-minima 11<sup>k</sup>, maxima, 13<sup>k</sup> — desclassificando quem não attinxisse o minimo e não aproveitando a quem excedesse o maximo. A ultima marcha era feita com velocidade á vontade do concorrente.

Foram vinte e cinco os concorrentes, pertencendo aos 7.<sup>o</sup>, 8.<sup>o</sup>, 12.<sup>o</sup>, 13.<sup>o</sup> e 14.<sup>o</sup> corpos do exercito e afóra estes os do 28.<sup>o</sup> de dragões, regimento em cuja posse estava o premio do anno anterior no raid Paris-Douville.



Foram divididos em cinco grupos, distinguindo-se pela cor dos braços. A saída de cada grupo era dada de cinco em cinco minutos.

Para facilidade de estudo, acompanhamos estas notas de dois mapas: indicando o primeiro os concorrentes, as montadas, principaes dados sobre estas, grupos a que pertenciam os cavalleiros, classificação final, tempo gasto no percurso total e velocidade empregada na marcha a vontade; e o segundo a ordem porque chegaram aos postos de revisão.

Convem notar desde já que 7 cavallos eram puro-sangue; 2 puro sangue anglo-arabe; 13 meio-sangue e 3 de origem desconhecida.

Dois cavallos provinham directamente do commercio, sendo adquiridos pelas commissões de remonta dos regimentos; 22 provinham dos depositos de remonta de *Paris, Alençon, Aurillac, Saint-Lô, Fontenay-le-Comte, Macón, Agén, Cupelly, Mérignac, Caen, Angers, Pau e Guéret*; e um era propriedade do official. Mr. Loir, havia creado o cavallo, que foi adquirido por um regimento de artilharia, que por seu turno o vendeu ao mesmo official, por se ter reconhecido ser indomável.

O preço da compra variou entre 170.000 réis, correspondente aos cavallos «Beaujeu» e «Roméo II», e 380.000 réis, que custou o «Coup de Soleil».

A 2 de julho, pelas 5 horas da manhã, saiu o primeiro grupo de *Lyon* e de 5 em 5' os outros.

Os 58<sup>k,5</sup> até *Saint-Etienne*, são duros pelo accidentado do terreno, sendo a estrada calçada em mais de 10<sup>k</sup> em *Rive-de-Gier* e *Saint-Chaumont*.

Atmosfera carregada e tempestuosa, marcando o thermometro 21.<sup>o</sup> á partida, subindo a 22.<sup>o</sup>, para descer a 21.<sup>o,5</sup> á chegada a *Saint-Etienne*.

Além do cansasso notado bem evidente em cavallos e cavalleiros, observam-se diferenças sensíveis no modo de proceder, sobresahindo pelo bom methodo empregado, o tenente Mr. Allut, do 28.<sup>o</sup> de dragões, vencedor no anno anterior, mostrando bem quanto a experiencia foi proveitosa.

Só um dos concorrentes não empregou o maximo da velocidade, do que lhe resultou um atraso de 20'-48'', difficil de compensar.

O quarto grupo fez-se notar porque em todos os postos de revisão em que terminavam as marchas com velocidade obrigatoria, se apresentou completo, sendo por ultimo o que obteve só dois classificados, contra quatro em cada um dos outros grupos.

O estado geral dos cavallos ao terminar a primeira marcha era satisfatorio. Tres cavallos que manifestavam doença, um por colica e dois por claudicação, não foram impedidos de continuar, por ser muito ligeiro o incommodo.

A tres de julho realisavam-se duas marchas em obediencia ao programma estabelecido, a primeira de 33 kilometros e a segunda de 44, com um descanso de 8 horas.

A primeira parte começou pelas 5 horas da manhã. De *Saint-Etienne* a *Montbrisson*, a estrada é boa e a temperatura conservou-se favoravel, sendo á sahida de 15.<sup>o</sup> e elevando-se successivamente até á chegada a 21.<sup>o</sup>.

Dois cavallos ficaram inutilizados por manqueira e foram, «Farandole» de Mr. Vaissière e «E'crevisse» de Mr. Halter.

Pelas 4 horas da tarde teve lugar a sahida do primeiro grupo de *Montbrisson* para *Noirétable*. A temperatura de 24.<sup>o</sup> á partida, foi-se elevando durante a marcha a 25.<sup>o</sup>, para descer a 24.<sup>o</sup> por occasião da chegada a *Noirétable*. A estrada desce nos primeiros dez kilometros n'uma especie de sualcos, para subir depois ininterruptamente até final.

Alguns cavallos mostram se verdadeiramente cansados pela continua subida de 30 kilometros, mas em compensação observa-se melhor disciplina de marcha.

Uma das causas da fadiga, segundo bastantes opiniões, faz notar o auctor do artigo, foi a má digestão, facto digno de ponderação em futuros concursos. A temperatura elevada concorreu para o extenuamento.

A 4 de julho pelas 6 horas e 45' da manhã sahiu o primeiro grupo de *Noirétable* para *Vichy*.

Pelo estado em que se achava o cavallo «Ibrahim»; foi imposta ao cavalleiro, Mr. Muller, a condição de não exceder a velocidade de 13 kilometros á hora, o que tirava a este concorrente toda a possibilidade de exito, visto que, como já se disse, a velocidade era livre n'esta ultima marcha.

Os 62,5 kilometros de *Noirétable* a *Vichy*, correm em estrada em descida e continuos lacetes por mais de quinze, para depois seguir quasi plana e em linha recta até *Vichy*. A temperatura não foi favoravel que de 20.<sup>o</sup>, se foi elevando até 28.<sup>o</sup> á chegada.

O auctor detalha mais esta ultima marcha. O tenente Mr. Xamheu marcha á testa da columna, seguido cabeça á garupa pelo Dr. George.

O tenente Mr. Allut começa a galopar, arrastando comsigo o seu grupo e por tal fórma se disputa a chegada a *Vichy* que a 23 kilometros do ponto de partida (*Chêne-Rond*) passam em oito minutos 14 cavalleiros, pela ordem seguinte:



M. M. Xambeu .....	7 <sup>h</sup> -44'
George .....	7 <sup>h</sup> -44'
Vilmorin .....	7 <sup>h</sup> -50'
Lauras .....	7 <sup>h</sup> -50'-30"
Chevrier .....	7 <sup>h</sup> -51'
Bancel .....	7 <sup>h</sup> -51'
Loir .....	7 <sup>h</sup> -51'
Allut .....	7 <sup>h</sup> -51'
Muguet .....	7 <sup>h</sup> -51'
Alincourt .....	7 <sup>h</sup> 51'-15"
Arnulf .....	7 <sup>h</sup> -51'-15"
Sausaye .....	7 <sup>h</sup> -51'-30"
Fau .....	7 <sup>h</sup> -51'-30"
Beaupuis .....	7 <sup>h</sup> -52'

Seis minutos depois é que apparece outro cavalleiro, dando toda a probabilidade de victoria aos que passavam.

Até muito proximo de Vichy vão os cavalleiros muito agrupados, mas começa a desagregar-se e Mr. Muguet, vencendo os sete minutos que o separam do primeiro cavalleiro, toma a deanteira, conservando toda a calma e regularidade M. M. Allut e Lauras, poupam os seus cavallos.

Mr. d'Alincourt sente que o seu «Belliquex» desanima e M. M. Chevrier e Beaupuis, são obrigados a demorar para ferar os cavallos.

No dia seguinte o jury reunido verificou o estado dos cavallos e classificou-os pela maneira que segue:

*Optimo estado*: os de M. M. Allut, Lauras, George, Xambeu, Gain e Lassence;

*Muito bom estado*: os de M. M. Fau, Sausaye, Bancel, Tricornot, Arnulf, Loir, Faurite, Boissière. Chevrier e Pinguet;

*Bom estado*: os de M. M. Vilmorin e Hermite;

*Soffrivel estado*: o de Mr. Muller.

Foram eliminados o «Diligent» de Mr. Muguet por manqueira e o «Radis-Gras» de Mr. Aubas, por inflamação de um tendão.

O desanimo do «Belliquex» era symptoma de uma congestão a que succumbiu poucas horas depois da chegada a Vichy.

A prova de obstaculos, apesar da sua simplicidade, prejudicou um dos mais ardentes inscriptos, como provou ser o Dr. Georges, que não conseguiu que o seu «Frimas» concluisse a prova.

Ficaram em campo dezoito concorrentes, vindo a ser o campeão o tenente Mr. Allut, do 28.º de dragões, vindo assim justificar a confiança absoluta que os seus camaradas de regimento n'elle depositaram, pois que mais nenhum foi procurar assegurar a posse da taça de honra.

Póde considerar-se desanimado o «raid» realizado, visto que apenas 25 officiaes concorreram, dispondo os cinco corpos de exercito de 18 regimentos de cavallaria, sendo necessario notar que foi admittido um official do 28.º de dragões, que pertence ao 6.º corpo de exercito, um do estado maior e outro do 6.º esquadrão do trem.

Com estes apontamentos deve coincidir o estudo do campeonato realizado nos dias 26, 27 e 28 de agosto na estrada, Torres Novas-Thomar-Entroncamento, para o compararmos com o que acabamos de extractar. Como os exercicios são similares, até na ultima prova, temos todo o empenho em saber se, apesar tambem de simples, serviu para tirar ou assegurar o logar ao primeiro classificado da vespera, parecendo-nos comtudo que entre nós, tambem terá de soffrer alterações o respectivo regulamento.

O auctor do artigo promete apresentar considerações sobre o «raid» *Lyon-Vichy* de onde se possam tirar ensinamentos para futuros certamens.



NOMES	Posto e situação	Nome das montanhas, sexo e sangue	Idade	Altura	Proveniência	Grupo	Classificação final	Tempo gasto no percurso Total	Velocidade no ultimo dia de marcha (por hora)
M. M. Xamheu	Ten. 13 dr.	«Isis» eg. 1/2 s.	8	1,56	Dep. rem.		5	13 <sup>h</sup> 13 <sup>m</sup> 49 <sup>s</sup>	22 <sup>h</sup> 362
Hermite	Alf. 30 dr.	«Carat» cav. p. s.	7	1,60	Idem	1.º	17	15 1 59	13,557
Chevrier	Ten. 30 dr.	«Eglantine» eg. p. s.	12	1,55	Idem		15	14 8 42	16,790
Vilmorin	Alf. 7 cour.	«Gilet» cav. 1/2 s.	11	1,61	Idem		14	13 47 26	18,558
George	Cir.-aj. 10 caç.	«Frimas» cav. 1/2 s. a. a.	11	1,56	Idem		-	13 12 32	22,431
Bancel	Ten. 2 dr.	«Caire» cav. 1/2 s.	9	1,58	Idem		6	13 16 43	21,884
Loir	Cap. E. M. 6.ª div.	«Brin d'Espoir» cav. desc.ª	10	1,70	Propried		10	13 41 16	19,144
Sausave	Ten. 30 dr.	«Enemir» cav. p. s. a. a.	9	1,62	Dep. rem.	2.º	4	12 12 25	22,446
Vaissière	Ten. 30 dr.	«Farandole» eg. 1/2 s.	9	1,58	Idem		-	-	-
Muller	Ten. 6.º esq. do tr.	«Ibrahim» cav. desc.ª	10	1,63	Idem		18	15 16 21	13,479
Pinguet	Ten. 10 cour.	«Fritillaria» eg. p. s.	7	1,64	Idem		16	14 20 9	15,969
Fau	Ten. 19 dr.	«Douchieur» cav. p. s.	12	1,56	Rem. hej.		3	13 8 25	22,596
Alincourt	Ten. 11 dr.	«Beliquex» cav. 1/2 s.	8	1,63	Dep. rem.	3.º	-	-	-
Tricornot	Ten. 12 hus.	«Beaujeu» cav. desc.ª	13	1,54	Idem		8	13 33 14	19,990
Lauras	Cap. 19 dr.	«Coup de Soleil» cav. 1/2 s.	7	1,63	Idem		2	13 7 25	23,140
Arnulf	Ten. 19 dr.	«Guérande» eg. 1/2 s.	11	1,56	Idem		9	15 38 46	19,389
Allut	Ten. 28 dr.	«Orléans» eg. 1/2 s.	10	1,53	Idem		1	13 4 24	23,576
Muguet	Ten. 19 dr.	«Diligent» cav. p. s.	9	1,54	Idem	4.º	-	13 2 8	23,918
Beaupuis	Ten. 16 caç.	«Choke-Bore» cav. p. s.	7	1,68	Rem. hej.		-	14 46 58	14,331
Aubas	Ten. 13 dr.	«Radis-Gras» cav. 1/2 s.	9	1,62	Dep. rem.		-	31 46 57	19,601
Gain	Alf. 19 dr.	«Jabadas» cav. p. p.	6	1,59	Idem		12	13 49 8	19,403
Ualter	Ten. 12 hus.	«Ecrevisse» eg. 1/2 a. a.	12	1,56	Idem		-	-	-
Boissière	Ten. 11 caç.	«Roméo II» cav. 1/2 a. a.	9	1,50	Idem	5.º	13	13 55 34	19,796
Faurite	Ten. 11 hus.	«Triomphe» cav. 1/2 s. a. a.	8	1,57	Idem		11	13 41 55	19,976
Lassence	Ten. 20 dr.	«Hilda» eg. p. s. a. a.	8	1,56	Idem		7	13 23 57	20,995

## MAPPA N.º 2

Lyon . . . . . 58km,5 - Saint-Etienne 33km - Montbrisson 44km - Noiretable 62km,5 - Vichy

1	Xamheu	6	1	3
2	Hermite	9	5	21
3	Chevrier	8	6	17
4	Vilmorin	3	3	12
5	George	7	2	1
6	Bancel	1	8	8
7	Loir	2	9	11
8	Sausave	5	7	4
9	Vaissière	4	6	-
10	Muller	10	10	22
11	Pinguet	15	11	19
12	Fau	14	12	6
13	Alincourt	11	13	-
14	Tricornot	12	14	9
15	Lauras	13	15	5
16	Arnulf	16	17	14
17	Allut	17	18	7
18	Muguet	18	19	2
19	Beaupuis	19	20	20
20	Aubas	20	21	16
21	Gain	22	16	18
22	Halter	23	24	-
23	Boissière	25	23	13
24	Faurite	21	22	15
25	Lassence	24	25	10

## INGLATERRA :

A expedição do Thibet.— Os paizes coloniaes em nome de diversos principios quer seja o de augmentar o numero das suas possessões, quer a civilisação sirva de incentivo; e ainda para sustentar a soberania ou para castigar rebeldia mais ou menos accentuada, necessitam estar preparados a acudir de prompto a qualquer eventualidade.

A Inglaterra tem plantada a sua bandeira em grande numero dessas possessões em todas as partes do mundo e em 3 de agosto, a expedição ao Thibet, arvorou a sua bandeira em Lhasa, objectivo a que visavam as tropas inglezas.

A 18 de julho a columna do general Macdonald apoderou-se do desfiladeiro de Karo, apoz curta e pouco tenaz resistencia, contando como baixas, apenas noventa e dois feridos.

A 19 foi executada a marcha até Nagastse, onde foram celebradas conferencias com os delegados thibetanos, que ne-



nhum resultado deram, por não quererem os Inglezes renunciar á marcha sobre Lhassa.

A 21 a columna marchou para Yarsing e a 22 chegava a Peti-Yong

Como se disse, a 3 de agosto entravam as tropas expeditionarias em Lhassa, que havia sido abandonada pelo Dalai-Lama que se foi refugiar num convento a 18 milhas da cidade santa e pelos soldados thibetanos que em numero de 4 a 5000 saíram da cidade durante a noite de 2 para 3 de agosto.

Na vespera da entrada das tropas inglezas, novas conferencias tiveram lugar mas sem resultado e, ao que parece, o acto de mais pronunciada hostilidade foi a ideia do encerramento dos mercados, contra o que protestou o representante de Nepaul.

As tropas inglezas são por parte dos habitantes, objecto de uma curiosidade sem limites.

RUSSIA:

*Mobilisação dos cossacos do Don.*— Foi determinada a mobilisação destas afamadas tropas, começando pela quarta divisão, que se compõe dos regimentos n.ºs 19, 24, 25 e 26 e será commandada pelo general Télëshor, tendo como commandantes das brigadas, Stoianor e Abramor.

Cada regimento comprehende 34 officiaes. Um dos regimentos teve como posto de concentração Novotcher Kank e os restantes em Konsteminors Kaia, partindo depois para o extremo oriente.

*Creação de novas unidades.*— Nas tropas do Turkestan foi organizado um parque de engenharia, uma companhia de telegraphistas e outra de pontoneiros; as unidades de artilharia completaram-se com dois parques volantes e duas baterias de reserva (em caso de guerra transforma se em brigadas a 4 baterias), um parque de reserva de artilharia, uma companhia de artilharia de praça; os batalhões das tres primeiras brigadas de infantaria organisaram as quintas companhias, e o exploradores das oito brigadas de infantaria serão montados, comprehendendo em cada batalhão: um official e 32 praças a pret.

No exercito da Mandchuria foi organizada junto da 9.ª divisão, uma companhia de metralhadoras.

Na Siberia oriental foram creados o 5.º e 6.º batalhões de sapadores para os corpos de exercito dos mesmos numeros.

Em Vladivostok foi organizado um quarto batalhão de artilharia de praça.

Finalmente foram chamados ás armas os reservistas necesarios para mobilisar o 1.º corpo de exercito (S. Petersburg) para marchar para o theatro da guerra.

A. S.

## Bibliographia

*Eleições e Parlamantos na Europa.*— Assim se intitula o interessante livro devido á penna do illustrado official portuguez sr. Henrique Baptista.

Sendo aliás um livro doutrinario, e essencialmente doutrinario, pode-se considerar um livro de combate.

A somma de lições que dicta, o grande numero de ideias que põe em movimento, a critica que vae fazendo serenamente do que em materia de parlamantos se passa nos diversos paizes, e no nosso, onde o parlamentarismo, planta exotica, mal se acclimou e nunca acabará por se acclimar, representam uma crusada util, cujos principios hão de calar no espirito de quem lêr e meditar este trabalho.

Em estylo facil, despretencioso, o sr. Henrique Baptista começa por explicar o que sejam essas ideias e doutrinas que se chamam: soberania popular, suffragio universal, voto plural, eleição indirecta, representação das minorias, etc., passa em seguida a expôr os diversos systemas eleitoraes conhecidos e os diversos processos eleitoraes e parlamentares em diversos paizes, e reforça esta parte doutrinaria com a recompilação das diversas constituições e reformas constitucionaes em Portugal, desde 1822 até 1893.

Como se vê, é um livro de estudo e de consulta; é um livro educativo e da mais util leitura.

São problemas estes de que nem todos se occupam, mas de que deviam occupar-se todos. Em todo o homem a sua função principal é a de cidadão de um paiz, e cumpre-lhe acompanhar, dirigir, dentro dos limites mais ou menos amplos da sua acção, os destinos da patria.

O sr. Henrique Baptista enriqueceu a bibliographia nacional com um trabalho bom, e prestou assim um serviço aos seus concidadãos, que oxalá o saibam aproveitar, lendo e meditando este livro, de um verdadeiro alcance moral e social.



*Revista de Artelharia.* — Com anticipação de alguns dias á nossa *Revista* saiu a lume a *Revista de Artelharia*, sob a direcção do coronel Zepherino Brandão, escriptor de accentuados credits, e collaborado pelos mais distinctos officiaes daquella arma.

Com esta *Revista*, e agora com a nossa ficam todas as armas e os principaes serviços do exercito com o seu órgão especial na litteratura militar do paiz, que se apresenta, dia a dia, mais escolhida e mais numerosa, devida á maior e mais vasta illustração dos quadros do nosso exercito.

Pela amostra já trazida a publico, promette a *Revista de Artelharia* ser d'uma leitura variada e util, sendo para louvar que no seu progromma esteja preconizado que as suas columnas estão abertas a todos os officiaes do exercito, sem particularismo de armas e sem preconceitos.

Saudamos o nosso estimavel confrade com os mais cordeaes sentimentos, desejando-lhe vida prospera no acuro com que é dirigida.

*Projecto de Regulamento de Instrucção das tropas e dos quadros.* — Com os artigos que com este titulo havia publicado na *Revista de Infanteria* acaba o illustre capitão de caçadores sr. Julio Lopes de Oliveira de publicar em separata um folheto que recommendamos á leitura dos officiaes e praças do exercito, por que representa um louvavel contingente de estudo e trabalho na esphera de actividade que mais deve preoccupar todos quantos se interessem pelos progressos das nossas instituições militares: — a instrucção.

Segundo o auctor declara na *Introducção* do seu trabalho, «as instrucções do seu regulamento acham-se estabelecidas de modo a permittir a todos os graus da hierarchia, na esphera que lhes é propria, o exercicio da iniciativa ou liberdade de acção, que convem ao bem geral. Os chefes dos diversos graus, a quem incumbem dar impulso á instrucção, assegurar a unidade de methodo e a execução dos regulamentos, devem exercer essas attribuições sem contrariar a orientação seguida, salvo em casos de negligencia.»

Toda a *Introducção* é constituida por preceitos theoricos mui-

to apreciaveis. Em seguida, dividida em capitulos, a doutrina do regulamento segue methodicamente.

O cap. I, com o titulo *Generalidades* tracta do systema dos exercicios, emprego dos cartuchos, envolvero dos cartuchos, terreno e cartas de arrêdores das guarnições, recrutas inhabeis, superintendencia na instrucção, e instrucção annual; o cap. II com o titulo *Instrucção elementar ou de recrutas* tracta da disposição geral, methodo de ensino para cada arma; o cap. III com o titulo *Instrucção complementar ou das unidades* tracta de principios geraes, instrucção tactica das unidades, serviços de campanha, exercicios de tiro, fortificação rapida, trabalhos nas escolas practicas, movimentos atravessantes, passagem de rios e natação, exercicio de alarme e assembleia. O cap. IV tracta da *Instrucção das reservas*; o V da *Instrucção dos quadros*, subdividido em instrucção de officiaes e instrucção de sargentos e de cabos; o VI das *manobras de outomno*, dividido em duas partes: — preparação e execução.

Basta esta indicação dos capitulos para se ver o interesse que toma este estudo, formulado em projecto de regulamento, honrando muito o amor ao trabalho e o desejo de ver progredir o nosso exercito que anima o nosso camarada o sr. capitão Julio Lopes de Oliveira.

*Correspondencia do Marechal Duque de Saldanha.* — Tenho presente, devido á amabilidade do auctor, o sr. Guilherme J. C. Henriques, a 2.<sup>a</sup> parte do estudo, que com este titulo, resolveu publicar, enriquecendo as fontes da nossa historia militar. Este livro agora comprehende as cartas de Agostinho José Freire ao general Saldanha nos annos de 1833 e 1834, e são ellas precedidas de algumas notas biographicas relativas áquelle eminente militar e homem de estado. São interessantes estas cartas, e conteem alguns permenores que servirão para completar as informações relativas ás nossas luctas politicas na epocha em que foram escriptas.

Houve um tempo em que entre nós quasi que havia horror ao documento historico; a historia sempiternamente decalcada sobre as narrativas de chronistas e parcialidades de cada epocha, O grande exemplo de J. P. Ribeiro e de Alexandre Herculano vingou; e hoje



só aos espiritos tacanhos e sem cultura historica poderá parecer inutilidade o trazer a lume os documentos, quer de natureza particular quer official, que constituem as fontes unicas seguras para a apreciação dos factos.

Nas suas valiosas investigações sobre tudo que respeita ao concelho de Alemquer, e mais particularmente a Damião de Goes, prestara já o Sr. Guilherme Henriques incontestaveis serviços, devidamente apreciados por todos os estudiosos; agora, com a publicação de correspondencia do Duque de Saldanha, vem augmentar os seus titulos á publica benemerencia.

C. A.



# Revista de Cavallaria

## Os nossos collaboradores

A accrescentar á lista temos:

*Generaes* — Ex.<sup>mos</sup> Srs. Luiz Augusto Pimentel Pinto.  
Pedro Nolasco Vieira Pimentel.

*Tenentes* — Ex.<sup>mos</sup> Srs. José de Almeida Vasconcellos.  
Alberto Sttaufanger Bivar de Sousa.

*Alferes* — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Maria de Freitas Soares.



## O transporte da carabina pela cavallaria

Um dos problemas que ha alguns annos tem preoccupado todo o official de cavallaria e que, como outros, espera uma solução pratica tem sido resolver qual a melhor fórma porque a carabina deve ser transportada e a maneira pratica de tornar esse transporte o menos fatigante possivel tanto para o cavalleiro como para o cavallo, conservando aquelle, quando montado, o necessario desembaraço de movimentos e quando apeado a possa accomodar facilmente sem que lhe cause demora no montar a cavallo, convindo sempre que a carabina seja